

## A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

**Érica Pereira Anjos dos Santos**

Graduanda em Pedagogia  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Francisca Campelo de Oliveira**

Graduanda em Pedagogia  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Suelen Kobayashi Costa**

Graduada em Pedagogia pela UFMS/CPTL  
Mestra em Educação pela Unicamp  
Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia – FITL/AEMS

### RESUMO

Esse artigo busca esclarecer o que é indisciplina dentro da fase de desenvolvimento da criança. Historicamente a questão da indisciplina estava ligada ao autoritarismo, a regras muito rígidas, a comportamentos totalmente condicionados. Nos dias atuais em que no âmbito familiar não é passado às crianças a noção de responsabilidade, de regras, devido principalmente a jornada de trabalho, essa carência da presença dos pais contribui para a criança não saber o que é limites. Em contra partida as crianças têm mais acesso aos meios de comunicação e informações de diversos assuntos sem a orientação de um responsável. Objetivamos esclarecer a importância da família no processo de desenvolvimento da criança e como ocorre esse desenvolvimento a partir de uma visão piagetiana. Para a realização deste trabalho utilizamos uma abordagem qualitativa e como estratégia de pesquisa a revisão bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina; Autonomia; Criança; Família; Escola.

### INTRODUÇÃO

Nosso país já nasceu monárquico, derrubou o militarismo e por fim vigora o regime republicano. Melhor dizendo, já passou por diferentes formas de comando, e também diferentes percepções educacionais. Com tantas mudanças no cenário político e econômico, muda também o conceito de aluno e à visão de limites e disciplina.

Segundo Aquino (2000), ficou arraigado a nossa memória o modelo de aluno do século XIX, em que era submisso e sua conduta totalmente controlada a base de castigos ou ameaças.

Hoje em dia em que o planeta esta globalizado, digitalizado, as crianças cada vez mais cedo têm acesso à tecnologia, a informação, ampliando seus conhecimentos e visão de mundo rapidamente se comparado a gerações passadas. Assim, os educadores sabem que seus alunos não ficarão passivos e inertes em sala de aula, e sim participativos do processo de educação.

Concordamos com Aquino (op. cit.) quando ele diz que temos um novo sujeito histórico e precisamos nos adequar a essa nova clientela escolar. Por outro lado essa “adequação”, não significa deixar o aluno fazer tudo que quer na hora que quer, e sim sempre respeitar as boas normas de convivência, lembrar que o seu direito termina quando começa o do outro. E assim criar um ambiente agradável para que os alunos possam desenvolver o seu processo de aprendizagem.

A escola tem a função de transmitir os conhecimentos acumulados da humanidade, preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, e formar cidadãos críticos para a vida em sociedade. Para que essa tríade ocorra em todas as dimensões é preciso conhecer e entender as implicações das questões ligadas a indisciplina (Ibid.).

A questão que queremos esclarecer neste trabalho é que o aluno com toda essa bagagem de conhecimento prévio ao adentrar a escola ele quer interagir, fazer pontes, relacionar com o que ele já sabe. Porém todo esse arcabouço relacionado a sua vivência pode vir a prejudicar sua formação escolar caso não seja bem trabalhada, ou seja, caso se transforme em indisciplina e possa vir atrapalhar o processo de ensino aprendizagem do aluno.

Com base nos estudos desenvolvidos pelos estudiosos da Educação, este trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento psíquico da criança durante o período da Educação Infantil, relacionando com o que podemos considerar como indisciplina.

Utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa e como procedimento de pesquisa adotamos a revisão bibliográfica.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A revisão bibliográfica busca através da visão de vários autores sobre o tema, expor as principais ideias de forma resumida, para que o leitor possa se aprofundar sobre o tema abordado.

**NOÇÕES DE REGRAS:** desenvolvimento psíquico, família, escola.

Sabemos que após a industrialização, a mulher passa a exercer dupla jornada de trabalho, em casa e no trabalho, mudou-se o conceito de socialização primária que tínhamos. Fazendo um adendo, muitas mulheres têm jornadas triplas, já que trabalham, cuidam do lar e estudam. Assim ficam cada vez menos tempo com seus filhos e muitos valores deixam de ser passados.

A ausência da presença de um responsável para dar as devidas orientações nos momentos oportunos, possibilita que essas crianças sejam influenciadas por amigos e pelos conteúdos de programas e sites que assistem ou acessam, respectivamente nos meios de comunicação, principalmente televisão e internet (MORAES; FERREIRA, 2011).

Socialização primária e secundária devem se complementar, ou seja, a primeira: noção de responsabilidade, de afeto, de relacionar-se, de regra, vem da família, que a base para a criança. Em seguida vem à escolarização: que é a vida em sociedade, novas estruturas de ensinamentos, que para isso subintende-se que a criança já tenha passado pela primeira fase e já tenha noções de limites, comportamento, afeto. A instituição Família e a Instituição Escola devem se complementar para um único bem comum o pleno desenvolvimento da criança.

Fez-se necessário citar os tipos de socialização para entendermos melhor como a criança constrói sua noção de regras. Para embasar nossos fundamentos com relação ao desenvolvimento psíquico da criança utilizaremos os escritos do autor Ulisses Ferreira Araújo (1996), que por sua vez se baseia na obra *O Juízo Moral na criança* de Jean Piaget (1932).

Um dos temas abordados por Araújo (op. cit.) é a importância que o respeito às regras (e não obediência) exerce no desenvolvimento da moralidade. A noção que a criança tem com relação á regras inicia-se com a fase da anomia – ausência de regras, como por exemplo, o bebê recém-nascido; heteronomia – várias regras, a criança sabe de onde vêm as regras e quem as determinam; e autonomia, a criança

sabe o conceito de regras para convivência, porém a fonte é a partir dela mesma, próprias decisões. Ou seja, o bebê não tem noção nenhuma de regras ou de quem o rodeia é aos poucos que ele vai percebendo o mundo e que faz parte dele. Lentamente conforme vai crescendo vai também assimilando as regras, não porque tem consciência delas e sim porque precisa obedecer a fonte (mãe, pai, irmão, alguém responsável), pois a criança é egocêntrica, não consegue discernir que existem outros tipos de relações e condutas que não são apenas voltadas para elas. Assim passa do estado de anomia para heteronomia (Ibid.).

Para Yves de La Taille (1992), segundo a concepção de Jean Piaget (1977) sobre o *pensamento egocêntrico* - que o ocorre quando a criança adquire a linguagem (estágio pré-operatório, 2 a 7 anos) - a criança não dialoga, pois ainda não existe para ela a percepção de entender o outro, já que ela ainda não compreende o próprio raciocínio, por esse motivo entra em contradição, ou seja, a criança enxerga apenas o seu ponto de vista. Portanto a criança nesse estágio não tem desenvolvido ainda a ideia de trocas intelectuais e sua importância, mas ainda sim ela é considerada um *ser social*.

O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis (DE LA TAILLE, 1992, p. 12).

O egocentrismo infantil vai diminuindo à medida que a criança começa a vivenciar experiências em que ela se coloca no lugar do outro e começa a ter atitudes de cooperação, surge então o respeito mútuo, ela não pensa somente nela. Portanto agora a criança começa a enxergar outras visões e passa do estado de obediência da fonte para reciprocidade, dessa forma gradativamente constrói-se a sua autonomia. Araújo (op. cit.).

Araújo (1996, p.11), relata uma experiência de observação em 1993, em uma sala de aula para coletar dados para sua dissertação de mestrado, em que a professora seguia a metodologia do PROEPRE – Programa de Educação Pré-escolar, criado pela prof<sup>a</sup> Orly Zucatto Mantovani de Assis (1989), no qual ele denominou que existia um “ambiente escolar cooperativo”, ou seja, um ambiente onde encontravam-se as condições que engendravam a cooperação: o respeito mútuo, as atividades grupais que favoreciam a reciprocidade, a ausência de sanções

expiatórias e de recompensas, e onde os alunos tinham a possibilidade de fazer escolhas, tomar decisões e expressar-se livremente.

Entretanto, nem por isso deixava de existir desentendimentos e atritos entre as crianças, a diferença estava em como tudo era resolvido, havia um acordo entre a sala e quando acontecia algo fora do combinado, o aluno não tinha que dar satisfação para a professora, pois ela era mais uma pessoa do grupo, tinha que falar com os colegas que foram prejudicados. A professora sempre mantinha o mesmo tom de voz, as regras valiam para ela também, e no final de cada dia havia uma auto avaliação, individual por escrito e oralmente em grupo. A diferença não aparecia de um dia para o outro, mas ao final do ano principalmente por dois alunos mais agressivos que havia percebia-se o esforço deles para se controlar e respeitar os outros.

## **METODOLOGIA**

Este estudo teve como base uma abordagem qualitativa, visto que não se preocupa com representatividade numérica, e sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outras coisas. Segundo Goldenberg, (1997), os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, já que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Como estratégia de pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a importância da disciplina no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MANZO, 1971).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabemos o quão é complexo o desenvolvimento infantil, pois muitos fatores influenciam o modo de agir dessas crianças. Porém se cada Instituição (família, escola) dar a contribuição necessária para ajudar a formar pessoas críticas e com autonomia alcançaremos o objetivo de formar cidadãos conscientes.

Através do respeito mútuo, da reciprocidade, de uma boa interação com a criança é possível passar a ela esses que são os pilares de uma boa convivência. Cabe ao adulto, (professor, mãe, pai, responsável), corrigir, dar limites, ensinar e dar exemplo a essas crianças é muito importante para elas terem essa figura de autoridade que passe noção de regras e de respeito.

O desenvolvimento psíquico da criança, sua aprendizagem, sua leitura de mundo, formação de caráter, estão diretamente associadas aos tipos de relação que ocorre no dia-a-dia, esperamos que esse trabalho contribua para entender melhor a fase da infância com relação a indisciplina.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor- aluno: indisciplina moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000. p. 81-100.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Um estudo da relação entre o “ambiente cooperativo” e o julgamento moral na criança. Campinas: Universidade de Campinas, Faculdade de Educação. **Dissertação de Mestrado**, 1993. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000064051&fd=y>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial Piagetiano. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 103-116.

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. **Uma nova metodologia para a educação pré-escolar**. São Paulo: Pioneira, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa: a pesquisa científica**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis**. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

MORAES, Sirlândia Gomes de; FERREIRA, Maria Elizabeth. (In)disciplina no contexto escolar: Reflexões sobre a escola. In: IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/176-387-1-SM.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

PIAGET, Jean. *Études Sociologiques*. Genebra – Paris, Droz, 1977, p. 242 (em português: Estudos Sociológicos, Rio de Janeiro, Forense, 1973).

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1932.

TAILLE, Yves de La. Fatores biológicos e sociais – O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 11-22.

\_\_\_\_\_. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-24.